Entrevista

Pedro Soares. Presidente do Conselho Diretivo Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros, adianta que estudo que está a ser desenvolvido indica que faltam nos Açores cerca de 450 enfermeiros e defende que é importante proceder a uma reorganização do Serviço Regional de Saúde

Enfermeiros trabalham mensalmente 40% de horas a mais do que deviam

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

ORDEM DOS ENFERMEIROS



Pedro Soares adianta que entre os assuntos pendentes está a valorização dos enfermeiros especialistas e os incentivos à fixação de enfermeiros

A Ordem dos Enfermeiros está a promover durante este mês a campanha "Maio, Mês dos Nossos Enfermeiros". Que atividades estão a ser desenvolvidas e com que objetivo?

A 12 de maio celebra-se o Dia Internacional do Enfermeiro. O que pensámos ao criar esta campanha foi que deveria decorrer durante todo o mês, já que um dia de celebrações seria francamente insuficiente para demonstrar toda a importância, competências e conquistas dos enfermeiros dos Açores. A mensagem e simbologia adjacentes a esta campanha apelam ainda à união de todos os profissionais e ao sentimento de orgulho nos mesmos, que com tão pouco, fazem muito.

Estão a decorrer dezenas de ações locais junto dos enfermeiros de diversas instituições da Região com visitas ao terreno e entrega simbólica de uma lembrança, intervenções e participações em eventos, bem como uma forte presença nos canais digitais, mas também nos meios tradicionais, com vista a conseguir alcançar toda a população. Pretendemos proporcionar um sentimento de reconhecimento e, ao mesmo tempo, cuidar de quem cuida todos os dias.

É presidente do Conselho Diretivo Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros desde 2019. Que balanço faz da concretização dos objetivos que definiu para o seu mandato?

Para um mandato que se iniciou em janeiro de 2020, sendo que em março entrávamos numa pandemia, tenho como balanço geral dois anos muito árduos. Foi preciso alterar em larga escala os objetivos que tínhamos planeado, adaptar a nossa ação ao apoio no terreno aos colegas, com a agravante de tudo ser desconhecido para todos. Conseguimos mesmo assim zelar para que as condições oferecidas aos enfermeiros no combate pandémico fossem as melhores possíveis e, ao mesmo tempo, apoiar os mesmos quando não estavam na linha da frente. Atrevo-me mesmo a dizer que a Ordem dos Enfermeiros funcionou quase que 24 horas por dia, mas foi aquilo que para nós fez sentido, estar ao lado dos colegas. Ao mesmo tempo, fomos implementando algumas das medidas que trazíamos como objetivos de mandato, nomeadamente proporcionar a discussão sobre a correta valorização das carreiras da classe, a implementação do Enfermeiro de Família, a valorização pública do trabalho dos enfermeiros com a promoção do trabalho destes junto da nossa população, as corretas dotações nos serviços, para além de uma profissionalização da Secção Regional da Ordem nos Açores em termos de serviços oferecidos, assim como dinamizar um trabalho muito próximo com as direções de enfermagem das diversas instituições no sentido de criação de pontes de trabalho que favorecem claramente a resolução de problemas específicos dos enfermeiros em tempo célere.

> **Falta efetivamente terminar junto da tutela a resolução de várias questões ligadas às negociações que estão a decorrer**

> **Fomos a região do país com a menor taxa de infeção, com a maior taxa de vacinação, e os enfermeiros são os principais responsáveis**

Falta efetivamente terminar junto da tutela a resolução de várias questões ligadas às negociações que estão a decorrer, nomeadamente o correto reconhecimento dos Enfermeiros Especialistas, os grupos de enfermeiros lesados quer pela implementação no passado de um bónus de relevância de tempo, quer com perda de pontos, os incentivos à fixação de enfermeiros na Região, a promoção do ensino pós-graduado nos Açores com apoio aos profissionais, entre outras questões. Temos, portanto, muito trabalho pela frente para uma enfermagem de futuro, com todos os benefícios adjacentes para nós açorianos.

Os últimos dois anos foram muito desafiantes para os enfermeiros, devido à pandemia da Covid-19. Como avalia a resposta por parte dos enfermeiros, por um lado, e que fragilidades do Serviço Regional da Saúde (SRS) foram reveladas, por outro?

Sem qualquer demagogia, eu não tenho dúvidas, nem qualquer problema em afirmar, que o profissionalismo dos enfermeiros açorianos, a entrega, coragem e sacrifício pessoal, foram, são e serão um exemplo inesquecível na vida das comunidades do nosso arquipélago. Foram milhares de horas que cada um dos nossos enfermeiros deu de si, em todas as ilhas, muitas vezes com consequências a nível individual muito difíceis de gerir, mas nunca abandonaram a linha da frente. Tenhamos a noção que fomos a região do país com a menor taxa de infeção, com a maior taxa de vacinação, e os enfermeiros são os principais responsáveis, com a ajuda de outros profissionais.

Ficou claro aquilo que os enfermeiros vinham alertando em surdina nos últimos anos, e que nós Ordem dos Enfermeiros aos chegarmos a este mandato demos volume a esses alertas. Aliás, este é um dos pilares do nosso trabalho, a defesa de melhores cuidados para a nossa população, e para isso fazemos com regularidade uma reflexão profunda sobre o SRS. Efetivamente, a pandemia colocou a nu um SRS doente, com falta de profissionais, com instalações físicas degradadas, falta de equipamentos, com falta de liderança efetiva.

O que urge fazer, findo este período mais exigente de resposta à pandemia, e que ainda não começou a ser feito?

O centro da ação política deverá passar sempre pelas pessoas, neste caso, os utentes e os profissionais de saúde. Colocada esta premissa, urge iniciar uma reflexão conjunta de todos os parceiros ligados à saúde sobre o que queremos para o futuro do Sistema Regional de Saúde em termos de desenvolvimento e acessibilidade aos nossos utentes e incluir as conclusões no Plano Regional de Saúde que está a ser elaborado. Uma reflexão urgente, com consequências.

Por exemplo, uma real aposta no combate à iliteracia na saúde é fundamental, atrevo-me a dizer que é para ontem, e os enfermeiros claramente sabem-no fazer. Portanto, avancemos, mas de uma forma igualitária em todas as ilhas.

Quantos enfermeiros faltam no Serviço Regional de Saúde e qual o rácio atual? Quais as unidades de saúde com maior carência, do ponto de vista do rácio de enfermeiros por população?

Estamos a terminar um levantamento exaustivo a nível do SRS, não sendo de todo fácil a análise, porque temos de ver nesta situação não os Açores em geral, mas cada uma ilha por si, o que dificulta em muito a análise final. Mesmo assim, com esta vicissitude, assim como, com uma alta taxa de mobilidade dos Enfermeiros dentro das instituições dada a reorganização pós-pandémica, podemos afirmar que nos Açores temos falta de cerca de 450 enfermeiros para que o número legislado fosse o ideal.

Devido a esta falta, chegámos à conclusão de que atualmente os enfermeiros nos Açores trabalham mensalmente acima das horas contratadas numa

> **Eu diria que aquilo que se passa com estes colegas [enfermeiros nas instituições e valências de IPSS e Misericórdias] é uma vergonha e um perigo**

proporção de 40% a mais do que deviam, o que claramente coloca uma pressão enorme nestes profissionais.

Isto, traduzido em rácios de enfermeiros por mil habitantes, e com o pressuposto de que não é correto em termos estatísticos calcular um rácio para os Açores, tendo de ser um trabalho por ilha, e de que a média da OCDE é de 8.8, temos a ilha Graciosa e a Ilha de São Jorge com uma média de 5.2, com a ilha do Faial a apresentar 8.6. As restantes ilhas, posicionam-se dentro deste intervalo com tendência abaixo de uma média de 6,9 enfermeiros por mil habitantes. Estamos notoriamente abaixo da média da OCDE, o que claramente é um alerta grave para uma intervenção necessária, nomeadamente na urgente criação de apoios à fixação dos enfermeiros nos Açores, assim como numa formação base apoiada, nomeadamente numa atenção especial à Escola Superior de Saúde da Universidade dos Açores.

Qual a gravidade do problema de 'burnout' na profissão de enfermeiro nos Açores, e de que modo a segurança dos cuidados está em causa? Há situações graves neste momento em alguma unidade de saúde?

A determinada altura da pandemia tivemos necessidade de criar uma linha de apoio aos enfermeiros, que essencialmente recebeu pedidos de ajuda em termos de *burnout*. Infelizmente temos vários casos nos Açores, mas muitos não são relatados à Ordem dos Enfermeiros, principalmente por vergonha. Somos formatados para aguentar tudo, desde o nascimento até à morte, mas para além de profissionais, somos humanos, e claramente tentamos gerir diariamente com um misto de situações e sentimentos que marcam efetivamente. Para a Ordem dos Enfermeiros, basta haver um caso que para nós já é um problema grave. Não tenho um número certo, mas temos vários colegas com quem conversamos diariamente e que estão a receber uma ajuda profissional na matéria.

Os cuidados em si são assegurados pelos restantes colegas que ficam sobrecarregados, aquilo que tentamos fazer é ajudar estes colegas a recuperar com a maior brevidade possível. A perda de um enfermeiro nos Açores tem um impacto tremendo nas equipas, em especial pela falta que fará na prestação de cuidados, para além do profissional que necessita de ser cuidado.

Considera que é necessária uma reorganização do Serviço Regional de Saúde para melhorar o acesso dos utentes aos cuidados? O que é preciso fazer a este nível?

Completamente necessário. O mundo mudou e, de uma vez por todas, a visão passa por uma efetiva Integração de Cuidados, entre os cuidados de saúde primários, hospitalares e continuados. Esta integração, que é muito mais do que articulação, dependerá, sobretudo, das intervenções de enfermagem em cada realidade, porque são estes profissionais que desde sempre praticaram a visão holística do utente. Um plano regional de saúde que não contemple esta integração, será apenas um remendo para o sistema.

É necessário, o quanto antes, implementarmos no terreno o Enfermeiro de Família. Será este o gestor dos cuidados em cada casa açoriana, e isto irá permitir uma maior facilidade para que o futuro imediato passe por uma aposta clara na saúde comunitária, na promoção da saúde e na prevenção da doença, combatendo junto da nossa população a iliteracia na saúde e, através deste, cuidar da nossa população em termos primários, nos domicílios, evitando os entupimentos dos Hospitais.

Apostar na formação dos Enfermeiros Especialistas na Região trará benefícios já defendidos cientificamente, nomeadamente em termos de poupança financeira, mas sobretudo na melhoria das acessibilidades e cuidados de enfermagem à nossa população.

Para além disso, os transportes e evacuações interilhas e para o continente carecem de uma revisão profunda, assim como as emergências do nosso pré-hospitalar.

Uma reorganização eficaz faz-se pela gestão de quem conhece o terreno, e os enfermeiros gestores conhecem perfeitamente e poderão igualmente dar o seu contributo nesta matéria.

Alguma luz ao fundo do túnel em relação à situação dos enfermeiros nas instituições e valências de IPSS e Misericórdias?

Eu diria que aquilo que se passa com estes colegas é uma vergonha e um perigo. Vergonha porque, se por um lado já algumas destas instituições fizeram um esforço e estão a remunerar os enfermeiros corretamente, outras há que não o fazem, havendo enfermeiros que levam de ordenado para casa pouco mais que o ordenado mínimo. É um perigo porque é um claro convite a que nestas instituições que não valorizam os seus profissionais, estes abandonem as mesmas e rumem a quem tem um comportamento correto, situação que é público ter acontecido já, levando a cuidados de enfermagem deficitários a essa população tão especial.

Para além disso, mantém-se o Estagiar L para enfermeiros quase em exclusivo nestas instituições, mais uma vez numa clara exploração de mão de obra. Os enfermeiros nunca foram um custo, são um investimento. *